

Pedalar na cidade: uma experiência educativa¹

Cycling in the city: an educational experience

Sheila Hempkemeyer*¹

Palavras-chave:

Estudos culturais;
Educação;
Bicicleta;
Cidade.

Resumo: Este estudo provém de uma pesquisa de Mestrado em Educação. Discute formas de subjetivação contemporânea, estratégias de reexistência, vendo a educação enquanto acontecimento dinâmico e permanente. Enxerga na bicicleta um potencial educativo e ambiental, apoiando-se nos Estudos Culturais e contribuições coletivas costuradas pelos referenciais teóricos escolhidos. Tem por objetivo refletir sobre olhares e narrativas que produzem e são produzidos a partir do encontro entre pessoas e bicicletas, enquanto corpos pedalantes nesta relação bicicleta-cidade. O estudo potencializa narrativas ficcionais e suas inventividades expressas na página do Facebook "Seres Pedalantes", criada a partir da imersão etnográfica para coletar e disparar histórias sobre o tema proposto. Uma metodologia tecida no fazer cotidiano. Através do inventário de imagens e narrativas, analisa os efeitos educativos da bicicleta na vida de quem pedala. Pensando a cidade enquanto mudança cotidiana através do olhar e do sentir pedalante, relacionando o ambiente e a dinâmica destes corpos, tecendo múltiplas afetações estéticas, poéticas, políticas.

Keywords:

Cultural Studies;
Education;
Bicycle;
City.

Abstract: *This study results from a Master's degree in Education research. It discusses the contemporary subjectivation, strategies of (re)existence, seeing education as a dynamic and permanent event. It sees the bicycle through its educative and environmental potential, supported in the Cultural Studies and in the collective contributions which were connected by the chosen theoretical references. It aims to reflect about outlooks and narratives that produce and are produced in the meetings among people, bicycles, and cities. The study enhances fictional narratives and their inventiveness expressed in the Facebook page "Seres Pedalantes", created from an ethnographic immersion to collect and cast stories on the theme. The methodology was made in daily tasks. Through the inventory of images and narratives, it analyzes the educative effects of the bicycle in people's lives. The city was thought as daily changes*

¹ Recebido em 26/02/2019. Aceito em 06/05/2019

*¹ Mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
E-mail: she.hempke@gmail.com.

through the outlook and the pedaling feelings, the relations between the environment and the dynamic of these bodies, making multiple aesthetic, poetic and political affectations.

Cotidianos pedalantes de uma pesquisa

Que pergunta te move? Que palavras ou discursos são núcleos de nossas investigações/questões? Que verbo te aciona o movimento? Verbo é, conforme aprendemos na educação formal, ação, ato, expressão. Na semântica da vida pode ser elo que indica fluxo, movimento. É também palavra que, carregada de significados, aguça o pensamento, a criatividade, fala de uma temporalidade. Somos feitas e feitos de verbo desde a primeira partícula de oxigênio que invade nossos pulmões. Respirar. Gritar. Chorar. Mamar. Descobrir. O verbo adentra em nossos corpos, convidando-nos a operar no mundo. Somos e criamos verbos e palavras para alimentar nossas inventividades e inquietações. Neste emaranhado criativo a busca pela expansão dos repertórios inventivos é cada vez mais incansável e abundante. Uma pesquisa de cunho científico pode ser pensada também desta forma.

Pesquisar é encontrar-se consigo, na construção mútua do conhecimento de si e de uma identidade de pesquisadora/pesquisador. Pesquisar pode ser sinônimo de perder-se, incomodar-se, descobrir-se, encantar-se. É aventurar-se por caminhos frescos, onde as escolhas podem nos levar a lugares “virgens”, desconhecidos, jamais pisados ou pedalados. Lugares que possibilitam repensar a própria existência, afinal o que fazer com as nossas inquietações sobre o mundo?

Pesquisar também é conhecer-se. Como vemos e experimentamos o mundo? Com que olhos, ouvidos, boca escrevemos este mundo em nós? Há uma teoria que fala através de nossos corpos, dança nas nossas escritas e práticas, no olhar, no sentir, no pedalar. Que teoria é esta? Ela pode ser como o vento, que afeta, nos atravessa, faz sentir, escabela, conduz e por vezes faz voar. Um invisível sensitivo, que pode guiar e tecer caminhos a partir do olhar sobre o mundo que habitamos e que nos habita.

Pesquisar é ler e reler o mundo. É escrever e reescrever caminhos, envolvendo processos éticos, estéticos e políticos, de escritas simbólicas e materializadas, implicando escolhas que jamais serão neutras. Esta prática ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais permite que haja uma abertura dos estudos e pesquisas em educação, historicamente voltados para o espaço escolar. A instituição escola é uma formação cultural, social e histórica, assim como os sujeitos que habitam aquele lugar e todos os significados que a

sustentam. A bicicleta e a cidade também fazem parte deste emaranhado sociocultural.

Pesquisar cultura(s) e práticas culturais envolve diretamente processos educativos e de formação de determinados sujeitos. Deste modo, construiu-se uma pesquisa em educação sobre cultura, em especial a da bicicleta e a relação de seres pedalantes com a cidade, refletindo sobre como este enredo as/os afeta.

Cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assinalada pela formação histórica em que foi constituído. [...] Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar [...] é implicada em nossa prática de vida. [...] Não escolhemos, de um arsenal de método aquele que melhor nos atende, mas somos 'escolhidos/escolhidas' pelo que foi historicamente possível de ser anunciado, que para nós adquiriu sentidos, e que também nos significou, nos (as)sujeitou. (CORAZZA, 2002, p. 124)

Na tentativa de praticar este fazer *pesquisatório*, o trabalho foi construído com cotidianos e pessoas que experienciavam a bicicleta em diversos ambientes. Para tanto teve-se como base o conceito de experiência em Larrosa (2014, p. 25) que diz:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Deste processo, surgiu o interesse em analisar os efeitos educativos da bicicleta na vida das pessoas, em relação à cidade. Pensar esta cidade enquanto mudança cotidiana acontecendo através do olhar e do sentir pedalante. Mas como fazer isso? Colecionando histórias, narrativas e vivências com cotidianos e sujeitos e suas bicicletas. Como (e se) esta relação constituinte de seres pedalantes na cidade os/as afetam, que experiências são vivenciadas, que efeitos são sentidos. Modos acelerados, desatentos de vida não permitem que experimentemos a doçura que escorre nos/dos encontros. Nem que percebamos ou apalpem a pele sensível do mundo, sentidos que só fazem sentido no desaceleramento cotidiano.

A bicicleta se faz presente de forma assídua na vida da pesquisadora desde 2011. Desta forma, o desafio inicial da pesquisa foi transformar experiências e trocas individuais em uma problemática e objetivos investigativos. Conseguir o distanciamento necessário para falar do fenômeno enquanto pesquisadora. A partir do momento que a bicicleta se tornou tema de análise, a intensidade e a atenção para as trocas *pedalísticas* foram renovadas, e os questionamentos foram sendo problematizados com a seriedade que a pesquisa exige.

Construir um problema de pesquisa é começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção compartilhada, com os quais estamos habituados a indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real – é assim tão natural nas significações que lhe são próprias; duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem estatuto de verdade (seja esta verdade científica, mágica, artística, filosófica, psicanalítica, religiosa, biológica, política, etc), rezear a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado. Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias. (CORAZZA, 2002, p. 118)

As pedaladas por caminhos desconhecidos e pelas descobertas urbanas permitiram reinventar ambientes e relações. Os ruídos tornaram-se escritos afetivos e ficcionais no diário de campo. Conforme Medrado, Spink e Mélo (2014, p. 275) “os diários se configuram como anotações para sistematizações futuras. [...] são práticas discursivas [...] são linguagem em ação”. Escrever e pedalar se tornaram rotina. Neste encontro a criação afluía, inflava como se enchesse os pneus com toda pressão. Pedalar era momento de criação, quando os pensamentos se ordenam, se escancaram, a cada movimento no pedal. Aceitando o convite para escutar a polifonia da cidade, percebendo seu colorido. Um espaço criativo onde possamos perder tempos e compor inventos.

Pedalar e pesquisar, em determinados momentos, tornaram-se sinônimos no fazer dissertativo. Além da renovação provocada pelo ato de pesquisar, tanto de quem pesquisa e é pesquisada(o) quanto do próprio tema, cada etapa, cada pedalada era um convite desafiador. Múltiplos caminhos, diversas bicicletas para experimentar, ladeiras íngremes para subir. Por vezes o fôlego faltava, mas as descidas compensam pelo vento que nos cortava e aliviava. E aquele frio na barriga de ter atingido tal propósito?! Sem se ater a velocidades ou cronometrar tempos.

A pesquisa teve a proposta de adentrar nas narrativas de seres pedalantes. Quem são? Como defini-las (os)? Ir ao encontro delas/deles e capturar essas experiências através de suas falas (escritas ou sonorizadas) e

imagens que pudessem complementar-se entre si. Construindo narrativas ficcionais, poéticas e reflexões sobre as experiências dos sujeitos e os seus cotidianos, problematizar os modos de vida na cidade e as outras ecologias que proliferam. Dialogar com a cidade através da bicicleta. Usar a bicicleta para contar uma história, fazendo disso parte da história das pessoas. Com ela e com quem as utilizam e vêm nesta relação bici-cidade uma outra forma de estar no mundo, provocando fissuras nos modos de viver/estar/experimentar o cotidiano na urbe.

Contar uma história é expor suas partes marcantes e sensíveis, recortes de uma vivência para os outros. É compartilhar seu estar no mundo, uma forma de permanecer e existir enquanto sujeito no mundo. Um dos propósitos era encontrar nestas narrativas similaridades e conexões que pudessem permitir compreender os efeitos desta prática cultural na vida das pessoas.

Trabalhar com narrativas coloca-se para nós como uma possibilidade de fazer valer as dimensões de autoria, autonomia, legitimidade, beleza e pluralidade de estéticas dos discursos dos sujeitos cotidianos. Trabalhar com histórias narradas mostra-se como uma tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos, afirmando-os como *autores autoras*, também protagonistas dos nossos estudos. (FERRAÇO, 2007, p. 86)

A pesquisa com narrativas é uma proposta de aproximar cotidianos da(o) pesquisador(a) e pesquisada(o), principalmente quando projeta o olhar para as experiências dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido, não se coloca em questão a produção de verdades, mas os sentidos e seus efeitos. Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 27) contribuem afirmando que "é da experiência vivida que emergem temas e perguntas a partir dos quais se elegem os referenciais teóricos com os quais se irá dialogar e que, por sua vez, fazem emergir as lições a serem tiradas." Neste sentido, toda pesquisa tem um fim, mas que não se finaliza. Está em constante movimento enquanto acontece e posteriormente sendo potência para futuras pesquisas, que podem vir a ser contestadoras ou aberturas de outros caminhos.

Sem as narrativas esta pesquisa não teria sentido. Há estudos que propõem debater os espaços públicos de maneira estrutural, arquitetônica, abordando a temática da mobilidade urbana de forma coletiva, mexendo nas engrenagens mecânicas das cidades, sem levar em conta as subjetividades. A pretensão da peça dissertativa foi contar histórias singulares sobre pessoas e suas bicicletas, para além do concreto urbanístico. Ouvi-las, descobri-las, tecer olhares múltiplos sobre a bicicleta na/e cidade. Ver neste emaranhado seu potencial educativo e ambiental.

As produções defendidas no coletivo TECENDO, bem como os encontros no grupo, serviram de lampejo e rota para pensar desta forma o tema de

pesquisa. Contribuições coletivas sendo costuradas pelos referenciais teóricos que escolhemos. Com o objetivo de refletir acerca dos olhares e narrativas que produzem e são produzidos(as) a partir do encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpos pedalantes nesta relação bicicleta-cidade.

A construção de uma pesquisa não se faz sozinha. Compartilhar as vivências e o que nos afeta no processo se faz necessário. Contar para o outro (ou outros) pode fazer com que outras cenas (re) surjam. Cenas que possam estar ocultas e, revivendo-as em forma de narrativa, conseguimos enxergar situações e possibilidades que merecem atenção.

Experimentar no corpo este processo, sentir os arrepios/tremores do que foi aprendido e do que ainda é devir. Nos encontros coletivos, em sala de aula, orientações, construímos nossos modos de pesquisar. Um constante reconhecer-se, perder-se no processo de descobertas encobertas de desconhecimentos. Quanto mais se pedalava na pesquisa, ou pesquisava no pedal, mais questionamentos e inseguranças me atravessavam, somando-se aos prazeres e gozos que nos incitam a continuar.

Neste processo de renovação reconstruímo-nos a cada etapa. Aperfeiçoando e readaptando peças para deixar o pedalar/pesquisar mais confortável e divertido. Perceptível nos traços escritos no diário de campo, nos rastros deixados desta prática exploratória. Narrando os silêncios profundos e pulsantes que habitavam e atravessavam durante a pesquisa. Escritos inscritos em nós. Cotidianos, experiências, vivências, encontros. Um estudo que atravessou os corpos híbridos de seres pedalantes para além do simples ato de pedalar. Contando histórias singulares sobre elas e eles e suas bicicletas, para além do concreto urbanístico.

Conforme Ferraço (2007, p. 80) "Pesquisar cotidiano é buscar nós mesmos, nossas histórias, lugares, *entrelugares*, não lugares", sermos pesquisadores de nós mesmos, sermos tema de investigação, e, nesta busca por explicar os outros, no fundo explicamos a nós mesmos, "somos sujeitos explicados em nossa explicação [...] me conheço ao conhecer os outros" (FERRAÇO, 2007, p. 81). O encontro da bicicleta com a pesquisa propiciou outros afetos. A cidade passou a ter ainda mais sons, cheiros, cores, texturas. Tanto o belo quanto as problemáticas gritavam, tornavam-se mais evidentes. Foi possível perceber que há criação brotando nas esquinas como sinal desta relação. Muitas vezes demonstrando resistência, ou insistência, ou seja, experiências tomando outras formas.

Uma cidade que se escancara e desnuda através da bicicleta. Entre tropeços e lampejos, encontrávamos outros terrenos, outros caminhos, criávamos enredos citadinos, um mundo inundado de encantos, feitiços e magia. Outras urbanidades ventilavam através da bicicleta. Com ela e com as

peças que a utilizam e vêm nesta relação bici-cidade uma outra forma de estar no mundo, provocando fissuras nos modos de viver/estar/experimentar o cotidiano na urbe. O movimento dos pedais e as engrenagens rodando na bicicleta, no ato de pedalar, podem ser proporcionais ao movimento almejado na cidade. Um lugar que permita deslocamentos mais sensíveis, lentos e intensos. Uma ação que provoque mudanças nas pessoas, e ao mesmo tempo que mudem seu olhar e seu entorno.

Este estudo só foi possível a partir desta teoria com o olhar amplo sobre educação, que acolhe práticas pedagógicas diversas da vida social, interferindo direta e indiretamente nos espaços formais de educação. Com a pretensão de desconstruir representações “para promover outros modos de ver um lugar preenchido com as existências de diferentes sujeitos [...] mostrando [seu] caráter social, cultural e histórico” (GUIMARÃES *et al.*, 2010, p. 79). Se constituiu em um estudo qualitativo, no qual se “vai tecendo e destecendo os caminhos da pesquisa a partir das diferentes perguntas e situações que surgem ao longo das experiências de campo e de leituras teóricas do campo dos estudos culturais e dos entornos pós-modernos da educação ambiental” (GUIMARÃES; SANTOS, 2009, p. 95).

Processos e rastros investigativos

O trabalho foi um mergulho etnográfico *in loco* e virtualmente. A imersão *pedalística* acerca do tema ampliou este mergulho para além da presença física. Para que as barreiras físicas e geográficas não fossem empecilho para a coletânea de histórias, nasce, de forma coletiva, a página no *Facebook* “Seres Pedalantes”. Com a conectividade *online*, as possibilidades destas amarrações se estenderam, expandido a relação com a pesquisa.

Para além da página na *web*, pensou-se em uma pergunta convidativa para potencializar as narrativas. Questionamentos e imagens atraentes que pudessem provocar a interação virtual, unindo-se no discurso de seres pedalantes. Uma criação autoral, podendo ser ficcional, poética, afetiva, livre e que falasse das experiências que tiveram pedalando. Para tanto formulou-se uma pergunta provocativa: “*Por onde pedalam seus desejos?*”. Colocamos a página nas nuvens cibernéticas e a pesquisa assim começou a ganhar o mundo.

A curadoria das narrativas foi feita com o seguinte critério: contar a relação que sujeitos tem com a bicicleta, narrando como se veem enquanto seres pedalantes. A página é aberta para qualquer postagem, um espaço público de coleta de pesquisa. Questões provocam e convidam para que as pessoas escrevam sobre seu encontro com a bicicleta. Uma troca espontânea e livre. Em contrapartida, o estar pesquisadora foi também ativo e presente. Atenta e atuante na captura de histórias para publicação, investigando diversas

tramas e enredos que pudessem estimular outras narrativas, contribuindo também para a ampla utilização e visão da bicicleta no mundo.

Conforme as postagens foram acontecendo algumas pessoas se interessavam pela apresentação estética da página e o convite foi estendido a elas para contribuírem narrando sua relação com a bicicleta. A coleta das narrativas aconteceu desde a abertura da página em abril de 2015 até dezembro do mesmo ano, totalizando oito meses. A proposta da pesquisa foi apresentada desde o primeiro contato para as dezessete pessoas que trilharam esta aventura "*pedalística pesquisatória*". Todas elas estavam cientes de seu uso de imagem e texto para fins acadêmicos, conforme explicitado na apresentação da *fanpage* e nos contatos individuais.

Recorremos às redes sociais, visto sua ampla conectividade, para alcançar qualquer pessoa, bem como compartilhar histórias e seus efeitos, incitando a coparticipação pelo uso diverso da bicicleta. As atenções cotidianas estavam voltadas para qualquer bicicleta, ou pessoa que fizesse uso dela e que pudessem contribuir nesta construção. Permanecendo em movimento de ziguezaguear, experimentando e construindo esta proposta como estratégia investigativa. Pesquisando no aqui e agora. Remexendo retalhos ao mesmo tempo que trilhando caminhos possíveis que pudessem conectar-se com os objetivos do estudo. Deste modo, a metodologia foi sendo construída em processos. Em movimentos cíclicos as histórias contadas aguçavam outras mais. Esta possibilidade permitiu que o mergulho etnográfico fosse também online, expandindo a relação com a própria pesquisa.

Neste sentido os co-autores/autoras foram incitadas(os) a narrar sobre si, ecoando suas práticas cotidianas com a bicicleta. Como se enxergam nesta relação? Que identificações são estabelecidas? Quais discursos habitam seus corpos pedalantes? Questões que foram sendo tecidas durante a pesquisa e tiveram o objetivo de refletir sobre os olhares e narrativas que produzem e são produzidas no encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpos pedalantes nesta relação bicicleta-ambiente.

A proposta também foi "brincar" com narrativas, de quem pesquisa e é pesquisada/pesquisado. Tecer linhas oblíquas e perpendiculares entre si. Conforme Galindo, Martins e Rodrigues (2014, p. 297) "o ato de contar histórias atualiza e produz dispositivos de inscrição para a memória. [...] As narrativas nos ajudam a redigir a partir de múltiplas fontes, auxiliando-nos a entendê-las e organizá-las de maneira que possam ser compartilhadas com quem as lê". Este processo é um "re-narrar" o que já foi narrado um dia, e "essa experiência em palavras, nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo" (LARROSA, 2014, p. 5).

As narrativas ficcionadas, tanto na coleta com seres pedalantes quanto na construção dissertativa, foi uma possibilidade de reinventar o cotidiano dando voz e escuta para argumentar o que queremos pôr em cena. Reigota (1999, p. 80) relata que “as narrativas (escrita, oral, visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa [...] de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas.” Para ele, elas têm sempre

um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história de sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto, suas consequências e desdobramentos. (REIGOTA, 1999, p. 84)

Permitir a fala/escrita da experiência sensível possibilita saber e perceber a complexidade das relações estabelecidas com a temática proposta. Conforme Costa (2014), na ficção há multiplicidades em vez de simplificação, virtualidades em vez de neutralização, pluralizando as relações com a bicicleta. Ficcionalizar a realidade é produzir afetos e sensibilidades em relação às vivências cotidianas. Uma experimentação potente, criativa e libertadora. Descrevendo mundos até então inacessíveis, inimagináveis, usufruindo da “poética como ferramenta na produção do saber” (COSTA, 2014, p. 564). Pesquisar desta maneira permite traçar um “trajeto nômade [...] que lhe dê novo corpo, cor, cheiro, etc. Produzir variações, anomalias, mutações, deformações nas formas do objeto até produzirmos outros campos de experiência para além das que ele nos possibilitava, produzindo outros objetos possíveis” (COSTA, 2014, p. 566). Deixando a inventividade ocupar o protagonismo nos relatos sobre a experiência pedalante.

Consegue-se assim ativar outras escutas, outras leituras, outras escritas sobre as histórias encontradas e recebidas. Produzindo, principalmente, incômodos e estranhamento, entregando-se às produções textuais e imagéticas da experimentação vibrante de seres pedalantes e oportunizando, desde o início, a expressão artística, que “não deve ser isolada da leitura e escritura científica, acadêmica” (FISCHER, 2005, p. 137). Viver a pesquisa acadêmica enquanto acontecimento, “explosão de vida, arte e pensamento” (FISCHER, 2005, p. 140). Um envolvimento atrativo: da pesquisadora, de sujeitos da pesquisa, de leitores e leitoras, e que acima de tudo afete e promova a experiência a quem topar pedalar pelo enredo produzido.

Colecionar histórias, brincar com narrativas ficcionais é uma proposta “delirante” que autoriza (re)inventar sentidos, inclusive cidades, impensadas até o momento do encontro. Permitindo aberturas, distanciando-se de conceitos fechados, totalizantes e homogêneos, “uma pesquisa narrativa é sempre

desveladora de si, caso contrário pesquisa e formação estariam dissociadas” (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015, p. 35), não havendo “nada a ser comprovado e muito a ser compreendido.” (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015, p. 36).

Nesta premissa, entre delirar e desvelar bicicleta, bem como a forma de se relacionar com ela, para articulação dos relatos, foram levadas em conta principalmente as diferenças. Há situações, sensações e usos que os unem, mas as discrepâncias oportunizam refletir sobre as mais diversas formas de identidades pedalantes, mutantes e virais. Segundo Costa (2014, p. 567) “tomar o delírio como estratégia metodológica, abre ao pesquisador a potência poética da poética em sua ação própria de permitir-nos pensar com rigor, mas sem totalidade, sobre o impossível”.

Usar da ficção para transformar a palavra em poesia é possibilidade de assumir a potencialidade da escrita, não crendo em um absolutismo “e sim enquanto ação movente de afectos que deem corpo e realidade para esta em sua relação com o *leitorescritor*.” (COSTA, 2014, p. 560). Nela há multiplicidades nas relações estabelecidas com o tema de pesquisa ao invés de simplificações, virtualidades ao invés de neutralizações (COSTA, 2014). Um espaço de criação, evidenciado nas histórias reunidas neste espaço. Possibilitar a escrita e a fala da experiência sensível oportuniza perceber a complexidade das relações estabelecidas com a bicicleta. Um traçado ensaístico “que libera o pensamento da ideia tradicional de verdade; não existe verdade no ensaio, mas sim veracidade” (SKLIAR, 2014, p. 104).

Ficcionalizando a pesquisa

Vidas e corpos que se incorporam e falam. Agem, respiram, sentem por si só. Um corpo. Ser pedalante. Que não se restringe a um único significado. São múltiplos, diversos, plurais, incompletos. Estão sendo, se construindo, se descobrindo, se constituindo. Podem ser urbanos, aventureiros e aventureiras. Podem estar separadas(os) fisicamente, mas continuam conectadas(os). Falam na ausência de um pedal. Pedalam na ausência da fala. Pedalam em busca de respostas. Pedalam quando as encontram. Pedalam para celebrar. Pedalam para protestar. Para aliviar dores. Para elaborar perdas e amores. Pedalam simbolicamente. Pedalam. Com toda energia, com toda euforia.

Rompendo amarras, despindo-se para entregar-se. Nus e abertos para o mundo, atravessando telas, foram para a rua. Foram sentir e falar de sensações. Repensar a vida, as escolhas individuais e coletivas que lhes trouxeram até aqui. Envolvendo-se nas tramas mundanas, com diversos ativismos, que se renovam pedalando. Incluir a temática nos mais diversos planos. Corpos dispostos a atrair-se com o mundo. Outros contornos, envoltos em uma utopia de transformações dos sentidos da vida. Invisibilidades

tornando-se cena. Escancaram-se. Redescobrimo seus corpos. Reaprendendo a se relacionar consigo, estendendo afetos em nome de um coletivo.

Outras roupagens tornam-se necessárias. Uma linguagem própria, repleta e recheada de neologismos na tentativa de expressar as relações e impressões que surgiam no encontro *pedalístico*. Transbordando curiosidades, afetos, desejos por todos os cantos. Corpos sensíveis, mutantes, multifacetados, plurais. Seres pedalantes e seus atravessamentos. Suas passagens. Bicicletas e suas histórias. Pessoas e suas bicicletas. Conectadas. Vibrantes. Vozes que interagem. Protagonismos em trânsito. Pessoas que falam por suas bicicletas. Bicicletas que falam pelas suas pessoas. Transmitem mensagens, transformam-se, educam-se, aprendem, intervêm. Seres híbridos em processo de descobrimento, conquistas, conhecimento.

Através da bicicleta um *insight*, propiciando diálogos, questionamentos, reflexões com e sobre a cidade, o ambiente e o estar sendo nestes espaços. Gerando distintas formas de perceber o cotidiano, despertando múltiplos ativismos, produzindo subjetividades, constituindo-se. A bicicleta não necessariamente muda o ambiente urbano em um primeiro momento, entretanto serve de inspiração para a mudança. Não só nos deslocamentos ou na mobilidade, mas de experimentação e permanência urbana. Ela não é só um objeto aerodinâmico de propulsão humana. É também um corpo, carregado de vida, histórias e emoção. E como qualquer corpo nestas condições apresenta infinitas possibilidades de ser e existir, principalmente em relação a outros corpos. Seres híbridos, por vezes agindo como hospedeiros. Que necessitam do encontro e da junção para tecer o percurso e a identidade pedalante. Plural, diversa e em constante construção.

Corpos.

O corpo da cidade.

O corpo pedalante.

Encontros ativando afetos. Rearranjos humanos, *pedalísticos* e urbanos, desenhando rotas afetivas com o entorno, produzindo outros contornos e sentidos na relação dos corpos. O giro dos pedais movimenta imagens e o próprio imaginário da cidade. Nesta perspectiva, a bicicleta inspira a estadia e a experiência urbana. Transforma passagem em hospedagem. Habitar a cidade, respirá-la, tocar sua membrana. Nesta troca de epidermes, a experiência estética acontece. Quais seus efeitos? Transitam na diversidade. Cada ser pedalante elabora de uma forma, as mais variadas possíveis.

O pedalar se transformando em atividade estética, educativa, pedagógica, que vibra, subjetiva e modifica ambientes e pessoas. Compartilhando a necessidade de reinventar a vida nas cidades. Um ambiente

em colapso, desafetuoso. Vidas em clausuras. Insaciáveis e sedentas. Faltantes, em busca de preenchimento. Descontentes e desconhecedoras de seus corpos e suas possibilidades, “se tudo que eu quero vem imediatamente até mim, não me resta tempo para a descoberta de novos sabores” (COSTA; MIZOGUCHI; FONSECA, 2004, p. 187).

Com promessas de aproximar distâncias, segregam-se contatos. Inibem criações e conhecimento com o mundo, que de tão veloz estagna, limita. Acessar vários lugares sem sair do lugar, regredindo na capacidade de se relacionar. Distanciamentos que potencializam patologias, corpóreas e subjetivas. Cargas físicas e simbólicas que interferem nos movimentos. Corpos atrofiados. Repletos de medos. Lutos enlatados. Incômodos comuns e coletivos emergem em busca de diferentes formas de experimentar a cidade. Na bicicleta encontrou-se o tempero que faltava, o realçador de sabor que deixa a experiência citadina mais salivante, saborosa e divertida.

Flanar por esquinas e encruzilhadas, vagarosamente, renovando movimentos e recriando histórias. Relações afetivas que emergem no encontro entre sujeitos, bicicletas e a urbe. Ao pausar inicia-se um processo de reflexão sobre si mesma(o), sobre o ambiente e práticas cotidianas. Os caminhos prontos aos poucos se transformam em trajetórias afetivas, em constantes mudanças. Campbell (2015) afirma que, ao se deslocar rapidamente por caminhos já dados, sem pensar e refletir sobre nossas passagens, vamos perdendo a capacidade de criar e construir rotas. É nas tréguas que percebemos nossa analgesia com o entorno, enxergando a beleza existente no caminho.

A bicicleta oportuniza a reinvenção dos lugares e os acessos na cidade, reivindicando espaços de convivência e contemplação. Vazios em preenchimento. Bicicleta, o prazer que transita por entre as pernas e invade o ser. Corpos vibrantes. Mesmo sem pedalar, ela serve de apoio. Com ela tem-se a possibilidade de ampliar, conforme a velocidade da sua curiosidade, com seu corpo, a presença e a experiência humana no mundo. Ferramenta emancipadora, que, na união dos corpos, suscita mudança nas cidades. Seres pedalantes. Provocando fissuras e mutações urbanas. Costurando-se com e no mundo. Bicicleta e seus múltiplos significados. Pessoas e suas múltiplas relações.

Através deste estudo, viu-se a prática de pedalar se tornando uma prática estética, produzindo subjetividades, arquiteturas e paisagens. Baseando-se nos pensamentos de Careri (2013), que versa e amplia a prática do caminhar, podemos pensar o pedalar, que da mesma forma, ao fazer, transforma lugares e cenários. É também ação que, inevitavelmente, sugere movimento, deslocamento, impulso. Uma prática pedagógica que opera na construção de determinados sujeitos, cidades e modos de viver. É subversão ao

atual sistema *carrocrático*, proporcionando mudanças/transformações dos modos de vida (consumo, alimentação, deslocamentos, moradia, investimentos, trocas cotidianas).

As histórias trazidas para a cena dissertativa sinalizam este caminho. Um hibridismo em permanente mutação. Conceitos trazidos e criados para ajudar a pensar esse movimento vanguardista, que mostram o quão abertos, múltiplos e diversos podemos ser, aprender e viver. Um inventário de imagens e textos, dialogando, dando vida às narrativas pedalantes, complementando-se. Assim como os corpos, bicicletas e pessoas, que entrelaçados, enredados, tornam-se seres pedalantes, em constante devir. Juntas e juntos, neste agrupamento, a trama emotiva e ativa acontece. Bicicleta sozinha não roda. Pessoa sozinha não pedala. É na conexão que o afloramento ocorre.

Os efeitos dessas histórias, os afetos vivenciados, a compreensão dos acontecimentos passados, são sempre mutáveis, redesenhados no presente (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015). Personagens, bicicletas e pessoas, que contribuíram para alargar presenças e trajetórias. Vidas irrepetíveis e inconclusas. Reescrevendo continuamente suas histórias. Depositando no vir a ser pedalante suas expectativas e sonhos. Tecendo múltiplas potencialidades para pensar formas de aprender, de pedalar, de existir, de ser pedalante. Mesmo que o ato de pedalar seja acelerado em comparação ao caminhar, ainda assim é uma pausa em relação às vivências no trânsito de hoje nas cidades.

Com a globalização foi possível perceber a presença de uma "cultura mundial". Aspectos comuns vigentes ao redor do mundo que são compartilhados em ambientes/territórios opostos geograficamente. Inalamos, degustamos, ouvimos, bebemos, vestimos, pedalamos, usamos, consumimos cultura. Isso faz com que sejamos atravessadas(os) por ideias, costumes, sentimentos, comportamentos, desejos vindos de todas as partes do globo terrestre. Ocorrendo graças à facilidade e rapidez com que as informações e pessoas se movem/movimentam no planeta. A comunicação atual é instantânea, em tempo real, entre pessoas que se situam em localidades distintas no mundo. Da mesma forma os deslocamentos, que acontecem de maneira ampla e veloz hoje em dia. Em quantos lugares você já esteve hoje? Quantas cidades conseguiu "estar" em um mesmo dia?

Cada vez mais esse acesso ao mundo se torna democrático. No entanto, ainda existe uma enorme disparidade no que diz respeito à locomoção humana, principalmente com o advento dos motorizados. Conforme Gorz (2005, p. 75) "até a virada do século, a elite não viajava a uma velocidade diferente do povo. O automóvel iria mudar tudo isso: pela primeira vez as diferenças de classe seriam estendidas à velocidade e aos meios de transporte". A velocidade e a forma como nos deslocamos diz do lugar no qual estamos pertencendo, da

nossa "posição social". Transferimos para uma máquina, mais ou menos potente, o poder do movimento que antes eram dos nossos pés. Perdemos a sensação de ler o trajeto a pé, sentir na presença e na extensão do corpo o ambiente no qual estamos. Como resgatar as potencialidades do corpo diante da oferta da mobilidade rápida? Como tornar potência o retorno dos movimentos/deslocamentos dos corpos?

A oportunidade de nos movermos pelo mundo, seja presencialmente ou virtualmente, permite trocas culturais diversas e distintas, que interferem nos modos de vida individuais e/ou coletivos. Afeta a maneira como lidamos com a relação espaço, tempo e presença. A falta de tempo, que tanto nos acomete e que decorre dos modos acelerados de viver, nos afasta da convivência na rua e entre si. O lar tornou-se um lugar de refúgio e isolamento. E a rua um lugar de passagem, inabitável, não mais de convivência. A cultura do automóvel ocupou os espaços que antes eram das pessoas, fortalecendo a temível cultura do medo. Nos tornamos amedrontados(as), zumbis cotidianos na selva de concreto e fumaça. Inimigos(as) uns/umas dos outros(as).

Enclausurados(as) e acelerados(as) não experimentamos o caminho, não temos a experiência urbana corpografada. Nos tornamos passageiros, e histórias são tecidas de permanência não só de passagens. Aceleração. Desatenção. Palavras que nos remetem a pensar no estar aqui e agora. Ações que também estão relacionadas à temporalidade. Fragmentos de vida, de sensações, de presença, dificultam perceber a existência da epiderme do mundo, tão vulnerável e sedutora, quanto vigorosa e pungente, bem como o sabor dos encontros. O contato perde espaço para o tropeço, ou é dificultado pelas couraças que nos moldam. Couraças que por vezes prejudicam o acesso aos diversos odores e texturas que nos cercam.

Relações estas que perpassam, como já dito, pela forma como lidamos com o tempo, espaço e presença. Prolongar o tempo e despir-se das amarras habituais torna-se um desafio ainda maior quando há prazer envolvido. Descobertas sensíveis e apreciações são as pausas que acontecem cotidianamente, que incitam e permitem esse tocar na membrana urbana e sentir o sabor potencial dos encontros. Nem tudo na modernidade é cinza e inerte, medo e clausura. Do concreto brotam ervas daninhas, nos lembrando que há terra por debaixo daquela camada solidificada e rígida, e que é latente a reinvenção da vida. Para a cultura do automóvel apresentamos a bicicultura. Para a cultura do medo o convite à convivência, algo que mais acontece no uso da bicicleta. A disseminação dela no mundo é também consequência deste processo "*globalizatório*", assim como outros tantos objetos no qual compartilhamos. Conhecer seu potencial transformador de cidades e vidas só foi possível pela conectividade cultural.

Este processo de troca mútua permite com que identidades também permaneçam em deslocamento, sendo múltiplas entre as pessoas, e por que não com a bicicleta?! A sua própria história mostra dos diversos papéis sociais que vem ocupando ao longo de sua existência. Os desafios e avanços que foram necessários para que mantivesse tão viva e ativa nos dias de hoje. Há pessoas acreditando que ela é um modismo passageiro, desqualificando o uso e as ações públicas e coletivas em defesa do modal. O fato é que a bicicleta se expandiu no mundo assumindo historicamente múltiplas identidades. Transformando-se nos dias de hoje em uma agente de mudanças globais, de possibilidades múltiplas.

A cultura da bicicleta, ou bicicultura, pressupõe aproximar e acalmar o que o automóvel afastou e acelerou. Ao nos tornar passantes descuidados(as) dos outros(as) e de nós mesmos(as), compartilhando de uma apatia social, nos esquecemos que histórias se fazem de prolongamentos e experiências e não só de passagens. Perdemos a beleza do caminho e a possibilidade de apalpar e construir rotas afetivas no trajeto justamente por ocorrências efêmeras, pela fragmentação superficial de nossas vivências.

Enxerga-se na bicicleta a possibilidade de assumir tanto um lugar de equilíbrio num sistema saturado, falido e insuportável quanto de desequilíbrio da comodidade cotidiana. Ela ocupa um *entrelugar* na cidade, simbolizando resistência e reXistências (ZANELLA *et al.*, 2012). Contrapondo-se ao imperialismo automotivo, buscando garantir e legitimar outras formas de deslocamentos e vivências urbanas. É uma abertura de sentidos, justamente por não haver armaduras que afastem do contato com o ambiente. Convida a reinventar a experiência na urbe, aflorando a possibilidade de acesso a uma "natureza" urbana esquecida, invisível, imperceptível, ensurdecida ou abafada pela aceleração dos motores.

A bicicultura não é só um contraponto, mas um viés autônomo que se fortalece no caos compartilhado nas grandes (e até pequenas) cidades. Frente a previsões de colapso planetário ela não é a solução. Até porque está inserida neste mesmo sistema/modelo em crise que partilhamos. Mas trazendo para discussão e fortalecendo outras frentes ativistas, dialogando com diversas temáticas transversais, mostra-se uma possibilidade de reinventar a vida e nossas relações, não só nos deslocamentos. Questiona a "naturalidade" dos movimentos e provoca rupturas comportamentais frente a cultura automobilística.

Denuncia a pandemia generalizada e profere um outro cenário possível de experienciar o mundo e a nós mesmos(as). Foi caminhando que descobrimos horizontes, que iniciamos nossa leitura do mundo. Um pé na frente do outro. A invenção da roda e posteriormente da bicicleta fez com que estas descobertas fossem mais aceleradas, mas não menos intensas. Outras sensações foram

aguçadas, nos aproximando cada vez mais de nós mesmos(as) e de ambientes. Uma cultura que ganha cada vez mais adeptas e adeptos no mundo, seja para competir, para se aventurar, para se locomover ou passear.

As duas mãos no guidão, um pé no chão outro no pedal. Perna levemente inclinada e pronta para impulsionar a primeira pedalada. Um comportamento compartilhado entre todos e todas que iniciam suas rodadas. Corpos sincronizados em um mesmo movimento. Uns mais debruçados que outros. Outros mais ousados que uns. Com uma só mão, duas ou sem nenhuma, descobrem-se pedalando, desafiam-se, aventuram-se. Registram em seus corpos as marcas que os unem. A bicicleta ganha a identidade de quem a pedala. Quem a pedala por vezes tatua em seu corpo a sua bicicleta, identificando-se.

Em meio a tanto simbolismo a bicicultura acontece, se fortalece. Surge a necessidade de criar palavras para dizer/falar sobre esse universo em torno da magrela, experienciado inclusive na escrita deste texto. Uma “*ciclocomunidade*” ascendente construindo a bicicultura em meio a multiplicidade de “*ciclocoisas*” compartilhadas.

A pesquisa se fez em processo contínuo de descobertas, não de certezas. A bicicleta está cada vez mais ampliando olhares sobre a cidade, sobre o mundo, sobre os corpos pedalantes. Desta forma ampliou também a abordagem dela na pesquisa. Foi possível pensá-la em todos os lugares, das mais diversas formas e as publicações “pedalaram” neste caminho. Estaria ela se tornando um modo de viver? Sua ação e ascensão seria efêmera ou permanente? Como transformá-la em um ser estético capaz de sensibilizar ainda mais urbe e as pessoas? Como aproximar essa experiência sensível na construção e intervenções das cidades?

Considerações (in)acabadas

É vital o compartilhamento de experiências e práticas de pesquisa. Um trabalho de conclusão de curso, uma dissertação ou tese não merecem somente viver escondidas em estantes e/ou hospedadas em plataformas/ servidores virtuais. Precisam pedalar e ventar por outros campos. Polinizar e fecundar outros estudos, propostas investigativas, saberes e fazeres educativos. Pesquisar é embrenhar “em movimentos de invenções e partilhas desses saberesfazeres, com destaque para artes de inventar o cotidiano” (FERRAÇO, 2007, p. 83).

Este trabalho foi um mergulho profundo neste sentido. Principalmente no que se pretendia investigar, sentir e pedalar à pesquisa, não só olhando-a do alto e de longe. Foi uma vivência ativa, de perto, corpo a corpo, que fomentou

energias insabidas e, que, a partir destas aspirações, insistiram em manter-se sagazmente nas linhas traçadas do texto. Recheada de elementos da cultura, costurando e trilhando caminhos em torno de histórias sobre e com a bicicleta. Entrelaçando com as histórias das pessoas envolvidas nela e proporcionando outras trocas educativas, desvendando outras pedagogias. Adubando o fazer e o pensar enquanto educadora em processo contínuo de formação, cíclico, lento e constante como o pedalar.

Há criação rastejando em vários lugares e tempos. Há produções estéticas e criativas proliferando na cidade e em diversos setores da vida, extrapolando inclusive os limites da subjetividade. Recriar urbanidades, vivências e experiências afetivas que possam sensualizar a cidade, as instituições e nossas vidas. Refazendo o uso dos espaços e ambientes, rearranjando existências e modos de viver. Pesquisar assim é reinventar as práticas pedagógicas atuais, tornando-as uma praxe de reexistência, possibilitando outros meios de viver a educação ambiental e a própria academia.

Referências bibliográficas

- CORAZZA, S. M. 2002. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A. Pp. 105-131.
- CAMPBELL, B. 2015. *Arte para uma cidade sensível*. São Paulo: Invisíveis Produções.
- CARERI, F. 2013. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili.
- COSTA, L. A. 2014. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 26, pp. 551-576.
- COSTA, L. A; MIZOGUCHI, D. H.; FONSECA, T. M. G. 2004. Corpoartecidade: (inten)cidades dos corpos urbanos. IN: FONSECA, T. M. G.; ENGELMAN, S. (org). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, pp. 171-190.
- FERRAÇO, C. E. 2007. Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 98, pp. 73-95.
- FISCHER, R. M. B. 2005. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (orgs.) *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 117-140.
- GALINDO, D.; MARTINS, M.; RODRIGUES, R. V. 2014. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa. In: SPINK, M. J. et. all (org). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, pp. 295-322.

- GORZ, A. 2005. A ideologia social do automóvel. In: LUDD, N. *Apocalipse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído*. 2 ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, pp. 73-82.
- GUIMARÃES, L. B.; SANTOS, J. E. 2009. Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental. *Interacções Journal Portugal*. v. 5, n. 11, pp. 91-102.
- GUIMARÃES, L. B. et al. 2010. Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais. *Pesquisa em Educação Ambiental*. São Paulo, v. 5, n. 2, pp. 73-82.
- LARROSA, J. 2014. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 15-34.
- LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. M. G.; GERALDI, J. W. 2015. O trabalho com narrativas na investigação em Educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.31, n.1, pp. 17-44, mar.
- MEDRADO, B.; SPINK, M. J.; MELLO, R. P. 2014. Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, M. J. et. all (org). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, pp. 273-293.
- REIGOTA, M. 1999. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- SKLIAR, C. 2014. *Desobedecer a linguagem: educar*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- ZANELLA, A. V. et al. 2012. Sobre reXistências. *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 12, n. 24, pp. 247-262.